



**EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE: PERSPECTIVA E PRÁTICA DA
EDUCAÇÃO INFANTIL DE BELÉM DO PARÁ**

**EDUCACIÓN EN SEXUALIDAD: PERSPECTIVA Y PRÁCTICA DE LA
EDUCACIÓN INFANTIL EN BELÉM, PARÁ**

**SEXUALITY EDUCATION: PERSPECTIVE AND PRACTICE IN
EARLY CHILDHOOD EDUCATION IN BELÉM, PARÁ**

Hanna Tamires Gomes Corrêa Leão Teixeira¹

Ivanilde Apoluceno de Oliveira²

RESUMO

Educação em sexualidade deve ocorrer desde tenra idade. Em tempos reacionários é necessário ratificar do que se trata a educação sexual e demonstrar como e porquê pode ser desenvolvida pela educação escolar desde a educação infantil. Assim, objetivamos analisar como a educação em sexualidade é compreendida e pode ser praticada em parceria com a família pela educação infantil. A metodologia conta com uma pesquisa colaborativa com profissionais da educação infantil da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Belém-Pará. Trata-se de um recorte de pesquisa de doutorado defendida em 2024, a qual traz como resultados a sexualidade a partir de intelectuais como Paulo Freire (2015) e Mary Figueiró (2018), além da perspectiva e do relato de experiências de gestores(ras) e educadores(ras) participantes da pesquisa. Destacamos o trabalho com a comunidade e famílias que constituem a educação infantil. Concluímos que há potencial protetor das infâncias em uma educação sexual de prevenção.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sexual. Infância. Prevenção à violência sexual. Família e educação.

RESUMEN

La educación en sexualidad debe comenzar desde una edad temprana. En tiempos reaccionarios, es necesario reafirmar en qué consiste la educación sexual y demostrar

¹ Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Professora da Universidade Federal do Amapá, Santana, Amapá, Brasil.

² Doutorado sanduiche na UNAM e UAM-Iztapalapa no México. Professora da Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, Brasil.

cómo y por qué puede ser desarrollada por la educación escolar desde la educación infantil. Así, nuestro objetivo es analizar cómo se comprende la educación en sexualidad y cómo puede ser practicada en alianza con la familia en la educación infantil. La metodología incluye una investigación colaborativa con profesionales de la educación infantil de la Secretaría Municipal de Educación de la ciudad de Belém, Pará. Se trata de un recorte de una investigación doctoral defendida en 2024, que presenta como resultados la sexualidad a partir de intelectuales como Paulo Freire (2015) y Mary Figueiró (2018), además de las perspectivas y relatos de experiencias de gestores(as) y educadores(as) participantes en la investigación. Se destaca el trabajo con la comunidad y las familias que forman parte de la educación infantil. Concluimos que existe un potencial protector de las infancias en una educación sexual de carácter preventivo.

PALABRAS-CLAVE: Educación sexual. Infancia. Prevención de la violencia sexual. Familia y educación..

ABSTRACT

Sexuality education should begin at an early age. In reactionary times, it is necessary to reaffirm what sexuality education entails and to demonstrate how and why it can be developed within the school context, starting from early childhood education. This study aims to analyze how sexuality education is understood and how it can be practiced in partnership with families through early childhood education. The methodology involves collaborative research with early childhood education professionals from the Municipal Department of Education of Belém, Pará. This is an excerpt from a doctoral research project defended in 2024, which presents findings on sexuality based on the works of scholars such as Paulo Freire (2015) and Mary Figueiró (2018), as well as the perspectives and experience-based accounts of school administrators and educators who participated in the study. The work with the community and families involved in early childhood education is emphasized. The study concludes that preventive sexuality education holds protective potential for childhood.

KEYWORDS: Sexual education. Childhood. Prevention of sexual violence. Family and education.

Introdução

As crianças são naturalmente filósofas e questionadoras, basta conviver minimamente com elas para se deparar com infinitas perguntas a todo momento. Isso faz parte de quem elas são e de como são movidas pela curiosidade e pela busca do conhecimento. Com isso, cabe aprender com a naturalidade da criança e com a afirmativa de Freire (2015) de que a origem do conhecimento é a pergunta.

Freire (2015) propõe uma pedagogia da pergunta que possui extrema riqueza e nos auxilia a elaborarmos uma educação de prevenção à violência sexual na educação

infantil, pois considera a ontologia das crianças como curiosas e movidas pelo ato de perguntar. Logo, rejeita toda educação que silencia a criança.

A curiosidade é vista aqui como potencialidade e não como problema para o desenvolvimento da criança e do ser humano, embora a educação formal e informal tenha uma perspectiva histórica de ver a curiosidade e a dúvida como perigosas. Porém, estimulá-las é estimular o filosofar intrínseco às crianças.

A criança, o adolescente e o jovem têm, pois, a natureza do filósofo e esta natureza, ao longo do tempo, tem sido sufocada exatamente pelas instituições educativas que já lhe entregam “respostas”, “verdades prontas”, “leis”, “normas”, “regulamentos”, “caminhos” que necessitam apenas ser decorados e introjetados. Assim, a natureza do filosofar, que se manifesta na criança pequena com os seus “por quês?” é mutilada já na infância (Maria Teles, 1999, p. 11).

Quando se trata de curiosidade a respeito da sexualidade, ela é constituída por dúvidas sobre si, sobre o outro, sobre o corpo, sobre as relações e sobre a existência. Logo, é importante considerar essas curiosidades para um desenvolvimento saudável e integral da criança, para Christiane Sanderson (2005, p. 33):

as crianças são naturalmente curiosas e, em relação à evolução, essa curiosidade é essencial para que possam conhecer o mundo, aprender sobre ele, identificar seus limites, descobrir o que é seguro e o que é perigoso. A criança demonstra a mesma curiosidade em relação a si mesma e ao seu corpo e, desse modo, para que ela possa descobrir seu mundo e seu lugar nele, ela precisa explorar.

Nesse sentido de ser intencional e de partir da curiosidade das crianças, as instituições de ensino também podem ser um lugar privilegiado de educação sexual, seja de maneira informal no cotidiano, tal como geralmente ocorre na família, ou de maneira sistematizada: construindo programações, atividades, trabalhando com materiais e com a formação de pais e de toda comunidade escolar, como damos ênfase aqui.

Diante disso, a presente pesquisa realiza essa relação entre sexualidade, educação sexual, escola e proteção à violência contra crianças. Possui o objetivo de: analisar como a educação em sexualidade é compreendida e pode ser praticada em parceria com a família pela educação infantil.

Para dar corporeidade a esse objetivo a metodologia utilizou uma abordagem qualitativa (Bernardete Gatti; MarlyAndré 2010), pois o resultado esperado não está somente ao final, mas considera-se a potencialidade do percorrer da pesquisa. Trata-se de pesquisa colaborativa (Ivana Ibiapina, 2008), a qual percebe a necessidade de transformar em coletividade algo na realidade, o que agrega à prevenção à violência sexual, que não

consegue se dar sozinha, precisa de múltiplos sujeitos para desenvolvê-la. Os procedimentos metodológicos foram levantamento documental; levantamento bibliográfico; círculos dialógicos culturais de partilhas sobre os saberes e ações de educação sexual nas pré-escolas e creches situadas na cidade de Belém, capital do estado do Pará, onde há destaque para casos de violência sexual no Brasil, círculos os quais foram registrados, transcritos e analisados a partir da categorização temática da análise de conteúdo. Os círculos ocorreram entorno de 4 temáticas: sexualidade; violência sexual contra crianças; escola, Freire e prevenção; e círculos de criação.

Os participantes da pesquisa foram gestoras, educadoras e um educador, totalizando 28 colaboradores que se voluntariaram a participar a partir de um convite enviado a todas as 150 escolas de educação infantil da cidade. Os círculos dialógicos foram gravados, transcritos e seus resultados estão expostos no decorrer do texto, além dessas transcrições foram utilizados relatórios das atividades desenvolvidas por eles nas suas escolas de origem.

Os cuidados éticos estão na fidelidade aos dados apresentados, na utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e na aprovação do comitê de ética com o parecer de número: 6.943.053. Ademais, as fotos fornecidas pelos relatórios tiveram sua qualidade reduzida a fim de preservar a identidade da comunidade escolar,

1 A boniteza da sexualidade

A participação da escola na prevenção à violência sexual pode ser efetiva quando ela compreender e realizar educação sexual, temática que já assusta alguns pais desde o nome, mas que também pode ser chamada de educação em sexualidade. Todavia, cabe perguntar: o que se entende por sexualidade?

Sexualidade, conforme a Organização Mundial da Saúde, é uma necessidade básica das relações humanas, não é sinônimo de sexo/relação sexual. Sexualidade é para além do biológico, perpassa por sentimentos, por afetividade, por relação consigo e com o outro, por formação da personalidade de cada indivíduo, para Evelyn Eisenstein (2013, p. 62) e Freire (1993, p. 12):

Sexualidade é o processo evolutivo que dura toda a vida, pelo qual nascemos e nos reproduzimos e está intimamente associado ao desenvolvimento biológico, psicológico e social, contribuindo para a formação da personalidade e da realização pessoal.

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós esta volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente no mundo e com o mundo se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

Assim, a sexualidade é crucial para o desenvolvimento da integralidade de cada ser humano, é pulsão de vida, energia vital que nos leva à busca pelo prazer nas situações mais cotidianas da vida. A sexualidade existe no ser humano desde sua concepção e “continua ao longo da vida, pois estamos sempre imersos num processo ininterrupto de remodelação dos nossos valores e atitudes ligados à sexualidade” (Figueiró, 2018, p. 60). Desta forma, onde há seres humanos, onde há boniteza, onde há personalidade, amor, afetividade, há sexualidade. A sexualidade é vista no trabalho de Freire (2015, p. 89) nos detalhes da vida:

Há ainda uma forma curiosa de olhar, de nos entregar ao desafio gostosamente, a curiosidade estética. É esta que me faz parar e admirar o “pôr do sol” em Brasília, por exemplo. É a que me detém como se me perdesse na contemplação, observando a rapidez e elegância com que se movem as nuvens no fundo azul do céu. É a que me emociona em face da obra de arte que me centra na boniteza.

A boniteza presente na obra de Freire (2015) e que nos ensina sobre sexualidade não é uma boniteza de padrões e estereótipos, é uma boniteza do ser mais gente, mais humano, a beleza das relações, das lutas e da prática pedagógica. Para Fabíola Cabral (2022, p. 20):

a boniteza observada por Freire distancia-se de concepções clássicas, como qualidades inatas e com padrões preestabelecidos, como é possível perceber em narrativas cotidianas (como os padrões de beleza que são utilizados em propagandas de “corpo ideal” e “artes superiores”). Em outra perspectiva, a boniteza percebida na humanidade pode ser enfatizada como qualidade de “ser ético”, isto é, está relacionada com a plasticidade das vivências e experiências de estar no mundo.

Essa vivência de estar no mundo e contemplar sua boniteza revela que há sexualidade em tudo e em todas as relações humanas, fator que deve ser levado em consideração inclusive pela educação. Ainda de acordo com Cabral (2022, p. 76): “Compondo uma rede de subjetividades, a boniteza é marcada por sentimentos prazerosos. O movimento da vida humana orientada pela beleza é apresentado pelos sentimentos da esperança, amor, alegria, o querer bem, atenção e companheirismo”.

A sexualidade, enquanto força de vida, caso seja nutrida de maneira intencional, levará o ser humano a viver em sua integralidade. A educação em sexualidade não define padrões, não deposita conteúdos e regras na cabeça dos educandos, pelo contrário, os compreende como sujeitos do seu processo formativo. Para Figueiró (2018, p. 43):

No campo da sexualidade, os educadores, de forma geral, incluindo pais e mães, devem educar e não determinar o rumo padrão para crianças e jovens. É fundamental educá-los quanto aos valores básicos: integralidade, respeito por si e pelo outro, justiça e igualdade, porém, formando-os com espaço para liberdade [...]Assim, estarão reconhecendo as crianças e os jovens como sujeitos do seu próprio desenvolvimento.

É importante frisar que sexo faz parte da sexualidade, mas não a resume. A sexualidade, diferente do sexo, pode ser e é vivenciada pelas crianças para que elas sejam formadas enquanto indivíduos integrais, seres de afetos, sentimentos, sonhos, prazeres, respeito e de compreensões. A sexualidade abordada e vivenciada de acordo com a sua faixa etária não as viola.

Essa compreensão de educação em sexualidade voltada para o desenvolvimento integral da criança em muito se relaciona com uma educação dialógica apresentada por Freire (2015), em contrapartida, a uma pedagogia do oprimido, compreendida como uma concepção bancária de educação, pois acredita que terá êxito no simples fato de depositar conhecimentos nos cérebros das crianças que são vistas como contas vazias que aguardam esse depósito.

Uma educação sexual bancária vai somente depositar proibições ou liberações na cabeça das crianças, sem as fazer refletir sobre a sua sexualidade, sobre seus relacionamentos, sobre seu corpo. A educação bancária se dá pela narração de conteúdo, como se a realidade fosse parada, Freire (2015, p. 80) a denomina de “verbosidade alienada e alienante”, pois, ao invés de formar o educando, o aliena das questões reais, criativas, transformadoras e complexas da vida, nas palavras do autor.

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os seres humanos sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos (Freire, 2015).

Por outro lado, a educação dialógica, problematizadora e libertadora está focada na formação integral desse sujeito. Toda ação dessa educação é no anseio de humanização

e precisa ocorrer com outras pedagogias. O depósito de informações pertence à pedagogia bancária, aqui precisamos de diálogo e protagonismos dos sujeitos da educação.

A educação dialógica só ocorre por meio da sexualidade, por meio da vitalidade das relações, pois, “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade” (Freire, 2015, p. 111). O diálogo que forma o nosso interior mais humano só é possível ao nos relacionarmos com outros.

Eu continuo sendo um homem para quem a sexualidade não apenas existe, mas é importante, fundamental. A minha sexualidade tem a ver com os livros que eu escrevo, com o amor que eu tenho à vida [...]. É que no fundo a sexualidade, sem querer chegar a nenhum reducionismo, tem muito do centro de nós mesmos [...]. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade (Freire, 1992, p. 6).

Assim, a educação dialógica é uma via transformadora de educação em sexualidade, não busca ensinar a metafísica de certo e errado, busca a humanização que só encontros proporcionam. Busca o desenvolvimento da individualidade, do encantamento com o existir, da potência em partilhar.

Essas divisões de tipos de educação podem ser relacionadas com as elencadas por Figueiró (2018, p. 47), pois a autora aponta que há três principais formas da educação falar sobre sexo: a) uma repressora, que opta por não falar ou associá-lo a perigos, b) um vulgar, que também não educa e c) outra que compreende a “sexualidade como um bem na vida do indivíduo e do relacionamento interpessoal”. Essa terceira abordagem perpassa por relacionamentos de qualidade em micro e macro instâncias, pois possibilita:

O desenvolvimento do ser humano, individualmente falando, e o aperfeiçoamento das relações em grupos pequenos, seja em família, na vida a dois, ou nos grupos de amizade e trabalho, mas deve ter, também, como meta maior, a construção de relações democráticas mais amplas. (Figueiró, 2018, p. 82).

Obviamente, a primeira abordagem tem tido um êxito histórico nos currículos brasileiros que só falam de sexualidade para relacioná-la com Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez na adolescência ou qualquer outra temática demasiadamente voltada à área da saúde.

Essa compreensão, que resume a sexualidade e a educação sexual à questão de saúde e moral, é discutida por Lucélia Bassalo (2015), ao abordar sobre a educação sexual, que ocorria na primeira metade do século XX no Brasil. A autora destaca que ela

foi construída historicamente voltada para o controle do corpo e com protagonismo da área médica higienista. Em suas palavras:

Demarcando o que era necessário saber sobre sexo, especialmente, e tendo em vista o futuro do país, para os higienistas era necessário que os jovens tivessem acesso às novas recomendações médicas. A educação deveria ajustar os comportamentos, que conduzissem as novas gerações à saúde. Assim, era necessário pautar os princípios higiênicos e eugênicos na educação da sexualidade (Bassalo, 2015, p. 121).

Ainda que a pesquisa de Bassalo (2015) se refira ao século passado, algumas compreensões e dúvidas da época permanecem no senso comum da sociedade e em alguns discursos de professores, como o resultado da pesquisa de Ivanilde Oliveira (*et al*, 2018), quando a professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental afirma que não é possível ensinar educação sexual para crianças. Há dúvidas que têm se cristalizado nessa temática ao longo do tempo, como as destacadas a seguir:

entre os educadores higienistas, não havia consenso quanto ao lugar em que este tipo de educação deveria ser realizado, se na casa, na escola ou na igreja, nem quanto a quem deveria realizá-la, se a família, os professores ou religiosos e, por fim, quanto a quem deveria receber este tipo de formação, se só os meninos, se ambos, meninas e meninos, além de, ao se considerar os dois, se as meninas deveriam saber tanto quanto os meninos (Bassalo, 2015, p. 121).

Nesse sentido, uma visão higienista de sexualidade não tem sido eficaz em proteger crianças de violências e abusos sexuais, pois enquanto há dúvidas a respeito de quem irá ensinar e a quem ensinar, elas não têm acesso real às compreensões sobre afeto, sobre seus corpos, seus limites, suas figuras de proteção. É importante que a educação sexual, seja a oferecida pela família ou pela escola, seja capaz de fornecer elementos protetivos às crianças e adequados às suas idades.

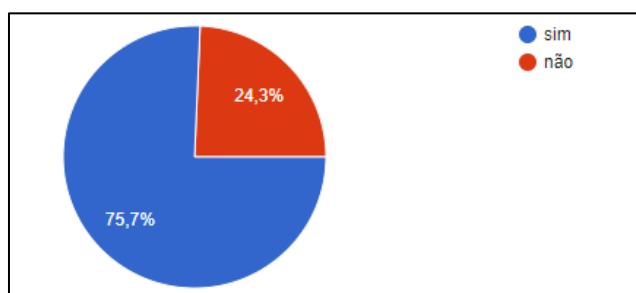
2 Educação em sexualidade na perspectiva de profissionais da educação infantil

A abordagem da sexualidade como um bem na vida do indivíduo e do relacionamento interpessoal, como boniteza, como diálogo, é a que se aproxima da perspectiva dos colaboradores participantes da pesquisa, tanto na diagnose realizada antes dos círculos culturais quanto em dinâmica utilizando a técnica do desenho realizada em um dos círculos dialógicos da pesquisa (detalhado na página 4). Cabe refletirmos que a técnica do desenho também permite a classificação dos mesmos em prol de uma

categorização temática, a partir da representação dos participantes e das explicações por eles concedidas a respeito desses desenhos (Oliveira, *et al*, 2018).

Durante a diagnose, ao serem questionados se a temática sexualidade já havia chegado à sua sala de aula, a maioria (28 participantes, 75,7%) afirmou que sim, outros nove (9) participantes afirmaram que não e uma não respondeu, o que demonstra que a maioria compreende a sexualidade de forma abrangente, conforme a tabela 1:

TABELA 1: gráfico a temática sexualidade já chegou a sua sala de aula?



Fonte: dados da pesquisa de campo, 2024

Desses vinte e oito (28) participantes que reconhecem que a sexualidade se faz presente nas suas salas de aula, vinte e dois (22) afirmaram que trabalham de maneira intencional com a temática, principalmente com o objetivo de prevenção à violência sexual contra crianças, participando efetivamente do projeto “Direito de ser criança e adolescente na Belém da nossa gente” da SEMEC, como destacam a educadora Betânia e o educador Willames:

Através do projeto direito de ser criança. Durante os dozes anos que atuo na rede municipal tenho o privilégio de ser agente multiplicador das ações de combate ao abuso infantil e adolescente, projeto este que já chega a sua decima sétima edição, e alinhado à política educacional e social, o projeto Ser Criança e Adolescente na Belém da Nossa Gente. Tendo como objetivo geral, potencializar a educação preventiva por meio de orientações e formações envolvendo a comunidade escolar, orientando-a para que reconheça os indícios da violência sexual no espaço educativo e fora deles, coletivamente construindo os encaminhamentos de intervenções (Betânia, relatório1, 2024, p. 1).

Trabalhamos os procedimentos de conhecimento e auto cuidado como forma de empoderamento das crianças reforçando a lei 9.970/2000 de Combate ao Abuso e Violência Sexual de Crianças e Adolescentes. Culminando as práxis e dinâmicas em uma caminhada em uma rede colaborativa com os órgãos de segurança e assistencial social e escolas parceiras do Distrito de Mosqueiro (Willames, relatório1, 2024, p. 1).

Outros cinco (5) participantes disseram que a temática surge de forma natural por comportamentos sexuais, como aponta a educadora Juliana (relatório 1, p. 1): “Através de brincadeiras sexuais infantis” e os outros quatro (4) disseram que é pela curiosidade da própria criança: “Nas UEI'S da rede, as crianças tomam banho e por vezes as mesmas veem os órgãos sexuais do outro e têm curiosidade em relação” (Roseli, relatório 1, 2024, p. 1).

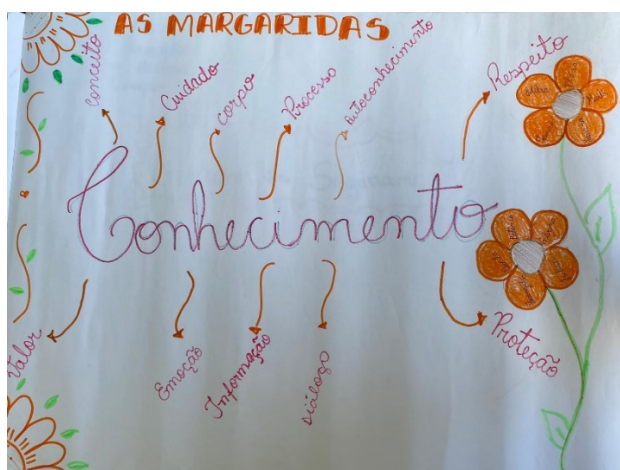
Assim, a sexualidade e a educação sexual são sempre compreendidas como parte da vida, do desenvolvimento infantil e da rotina da escola.

Já durante a dinâmica que ocorreu no círculo dialógico as educadoras e o educador definiram a educação sexual em palavras e em desenhos que depois foram categorizados e agrupados por eles mesmos a partir de temas gerais, que também podem ser temas geradores. Os temas dobradiços que surgiram foram: (a) educação sexual como conhecimento; (b) educação sexual como rede de proteção; (c) educação sexual como cuidar; (d) educação sexual como um alerta e (e) educação sexual como segurança.

a) Educação sexual como conhecimento

A educação sexual foi definida pela maioria dos participantes (14) como conhecimento, esse grupo se autodenominou como “Margaridas” em alusão ao símbolo do Maio Laranja, o mês de prevenção ao abuso sexual contra crianças e adolescentes. Como podemos observar na figura 1 a seguir:

FIGURA 1: Educação sexual é conhecimento



Fonte: acervo da pesquisa de campo, 2024.

As colaboradoras afirmaram que, a partir da necessidade individual que possuem de ter conhecimento para que haja uma educação sexual, somaram-se enquanto coletivo em busca de conhecimento para uma pedagogia de prevenção.

Quando a gente colocou conhecimento foi uma escolha individual, mas nesse individual a gente se fez coletivo, porque realmente não adianta você apenas ter a vontade de combater, você precisa aprender quais as formas e quem pode te ajudar. Como sempre estamos com os nossos educandos vamos sim muito além do profissional, nós queremos educar e proteger as nossas crianças. Eu trabalho em uma creche e eles são como meus filhos. Eu tenho uma certa proximidade com esse tema por viver situações no trabalho que me fizeram buscar o conhecimento. Somente a partir dele pude me preparar inclusive emocionalmente, porque não poderemos dar suporte se a gente não consegue entender, e é um suporte que a criança precisa, que a família precisa, que os outros servidores precisam. Então a gente precisa estar diariamente buscando conhecimento na literatura, nos órgãos de proteção (Batânia, relatório 1, 2024, p.7).

Nós nos conectamos pela palavra central que foi “conhecimento” ela esteve presente em todas as produções das participantes do grupo e decidimos fazer uma trama com as outras palavras que estavam nas nossas produções também. Escolhemos “conhecimento” porque ele liberta e precisamos estar empoderadas para que as nossas crianças se libertem também. Precisamos entender como funciona a rede de proteção, o que é autoconhecimento, o que é sexualidade, o que é ter um olhar e uma escuta sensível (MM, relatório 1, 2024, p.7).

Assim, o conhecimento é basilar para que haja uma educação sexual que não seja baseada em achismos, medos ou insegurança. O único caminho possível é reconhecer que estamos em constante desenvolvimento, inclusive enquanto profissionais, e a partir de novos conhecimentos poderemos desenvolver trabalhos exitosos na educação sexual com todos os sujeitos da educação e conectados a ela.

b) Educação sexual como rede de proteção

Outras sete educadoras entenderam a educação sexual como rede/equipe de proteção, partem da premissa de que a educação sexual não ocorre somente na família ou em casa, mas perpassam por todos os âmbitos em que a criança vive, todos são responsáveis por ensinar e proteger esses indivíduos, complementam definindo a educação sexual como uma rede de temas também, não sendo reduzida a ensinar o que é sexo para as crianças, mas perpassando por afeto e amor, conforme fala e figura 2 a seguir:

Essa rede de proteção tem que funcionar com todos, com a família, com a igreja, com a escola, com a assistência social. Esse sol mostra que também precisamos de uma rede temática, de forma que todos esses temas se articulem e alcancem as crianças como: família, cuidado,

sexo, sexualidade, higiene, afeto, paz e amor (Liliane, relatório 1, 2024, p.6).

FIGURA 2: educação sexual e rede de proteção

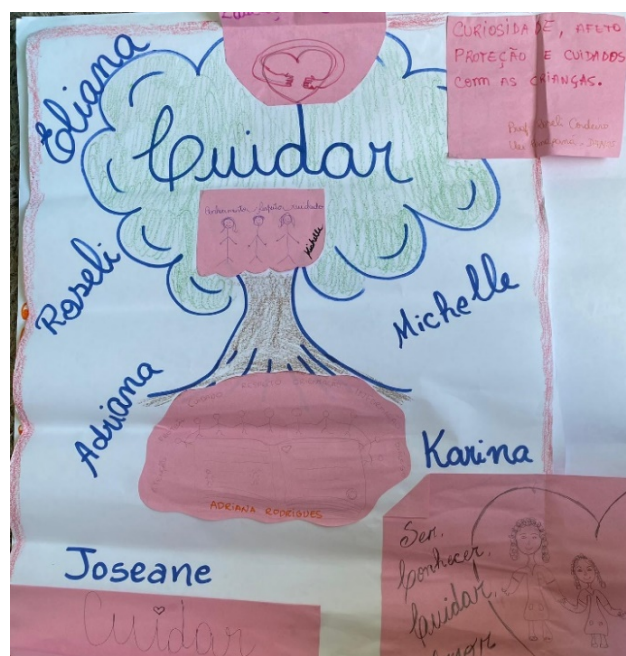


Fonte: acervo da pesquisa de campo, 2024

c) educação sexual como cuidar

A palavra e/ou imagem referente a “cuidar” surgiu na produção individual de seis educadoras, as quais, após se encontrarem, debaterem o porquê de terem o cuidado como basilar, sintetizaram a educação sexual com o cartaz a seguir (figura 3):

FIGURA 3: educação sexual é cuidar



Fonte: acervo da pesquisa de campo, 2024

Na produção, definem cuidar como uma educação que envolve mais do que as letras, pois envolve afeto no processo de desenvolvimento da infância, desenvolvimento

assemelhado a uma árvore plantada e cuidada, como observamos no relato da colaboradora Eliana:

A árvore, porque assim como uma semente que a gente planta e vai cuidando ela pode dar bons frutos, comparamos isso justamente com as nossas crianças, que possamos cuidar das infâncias. Eu sempre converso com a minha equipe que o ECA é claro, nós, adultos, somos totalmente responsáveis pelas crianças, se você ver uma criança em situação de risco, você tem que agir! Você tem que cuidar e proteger. Senão, você será conivente. Sempre oriento meus professores que temos que cuidar e educar as nossas crianças. Que elas precisam saber que tem direitos, que o corpo é delas e não pertence a mais ninguém. Precisamos orientá-las que elas mesmas cuidem desse corpo, onde nem o professor pode tocar. O professor está somente para mediar, para ensinar sobre as partes do corpo, sobre consentimento, sobre como se lavar, sobre descobertas da sexualidade, sem escândalos e sem medos da parte dos professores. Precisamos cuidar das nossas crianças de forma que elas cresçam como uma árvore (Eliana, relatório 1, 2024, p. 4).

Observamos que é um educar que não se distancia do cuidar, obrigação da educação infantil que tanto tem a contribuir às outras etapas e modalidades da educação, principalmente quando se trata de educação sexual, que exige que a escola seja mais do que um lugar de depósito de conhecimento, exige que seja um lugar que auxilie seus participantes a ser mais gente.

d) educação sexual como um alerta

O quarto tema que apareceu com bastante incidência foi a educação sexual como um alerta (figura 4), como necessidade para deixar educadores e educandos em alerta. Educadores atentos para identificar qualquer forma de violência e serem intencionais em proteger as crianças. E educandos alertar para compreenderem e analisarem os tipos de carinhos.

FIGURA 4: educação sexual como um alerta

Fonte: acervo da pesquisa de campo, 2024

Cinco educadoras e um educador haviam feito desenhos que indicavam essa necessidade de a educação sexual funcionar como um alerta, conforme a fala do professor Willames (relatório 1, 2024, p. 5):

Nós juntamos todas nossas ideias e as sintetizamos com o símbolo do alerta. Vou iniciar afirmando que trabalhar com educação sexual é um tema desafiador, porque primeiro compete a nós largarmos nossos rótulos, o que a gente tem convicção para finalmente trabalhar de forma exitosa, que é quando eu começo a identificar alguma forma de abuso ou quando eu consigo ensinar aquela criança sobre proteção: que o corpo é dela e que ela entenda que tem locais que podem ser tocados e locais que não. Eu trabalho com as minhas crianças sobre o carinho certo e o carinho errado, que elas precisam estar alertas em relação a isso. O carinho certo é aquele que na minha cabeça não passa para minha boca, que passa a ser um carinho errado. O mesmo acontece com o meu braço, esse carinho não pode passar para o meu peito. E essa mão se descer e for pra nossa parte íntima, pro nosso fazedor de xixi é um carinho errado. Quando que eu vou receber um carinho chamado cuidado? Quando eu estiver dodói e a mamãe, o papai ou o médico vierem passar um remédio, se não tiver dodói a gente não deve receber esse carinho, nem na hora do banho.

e) educação sexual como segurança

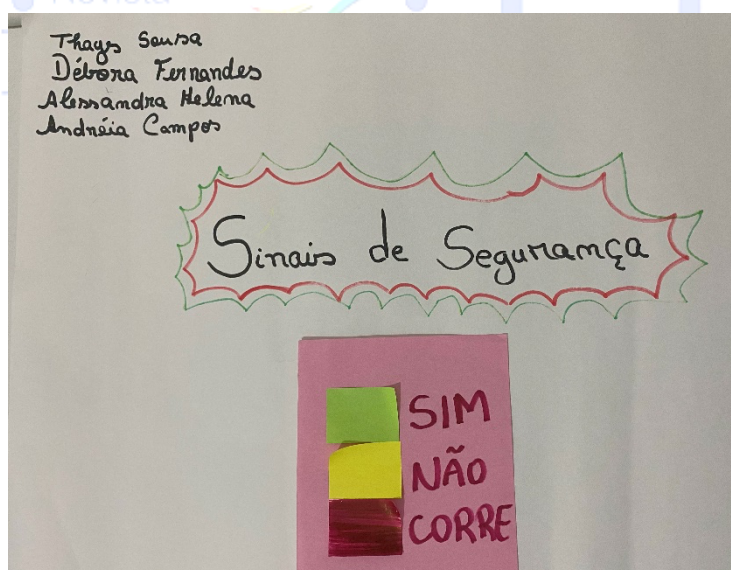
O quinto grupo, autointitulado “sinais de segurança”, foi formado por 4 docentes mulheres. Todas fizeram um desenho semelhante (figura 5): o do sinal de trânsito, tradicionalmente utilizado como recurso didático na abordagem sobre educação sexual; ainda que convencional, as professoras discorreram que o método continua sendo um importante instrumento de conscientização contra a violência sexual, ainda mais se for construído de maneira lúdica:

A nossa equipe agregou a partir da palavra “segurança”, isso é muito interessante: mesmo com uma sala cheia conseguimos encontrar esse tema em comum. Só a título de informação a palavra “segurança” tem como origem o latim, que significa viver sem medo. Pergunto a vocês, como vamos proporcionar segurança? (Alê, relatório 1, 2024, p.6)

Como uma nata educadora da educação infantil quando me questiono o que é a educação sexual com crianças logo penso no lúdico: de que forma posso ensinar a minha criança? Até onde o outro pode me tocar? E pensei no semáforo do toque, acho que a maioria aqui já viu e já fez, brincando com a criança ela consegue entender que o verde pode tocar, o amarelo ela tem que ter cuidado e o vermelho é proibido tocar e ela pode dizer isso, pois o corpo é dela. Então se tratando de educação infantil a gente tem que usar a criatividade, a criança vai colocando os círculos num boneco com as cores indicando se pode ser tocado ou não e narrando as suas experiências (Thays, relatório 1, 2024, p.6).

Um dos desenhos era o “sim, não e o corre”, relacionando as cores do sinal de trânsito com as atitudes que se espera que a criança tome diante de um possível caso de tentativa de abuso sexual. Segundo a docente Alê, o motivo pela escolha do nome do grupo está relacionado com a “capacidade do nosso aluno de se sentir seguro de dizer não”, um exemplo do sinal está na figura 5 a seguir:

FIGURA 5: educação sexual e sinais de segurança



Fonte: acervo da pesquisa de campo, 2024

Uma das educadoras que participava do círculo dialógico compartilhou como entender esses sinais simples de proteção a livrou de passar por uma experiência de abuso, nas palavras dela:

Foi uma experiência que comigo deu certo, eu era criança, acho que uns seis anos, eu estava indo pra escola e sempre passava na casa de uma colega para pegar ela, nisso que eu cheguei lá o pai dela me puxou pra dentro da casa, ele ia me abusar. Foi a primeira vez na vida que eu vi um órgão masculino e fiquei assustada, mas o que me salvou foi o

correr. Você tem que saber o que é o proibido e não aceitar que te toquem, saber que precisa correr (Débora, relatório 1, 2024, p.7).

Logo, atividades simples, ensinamentos básicos de educação sexual, são capazes sim de proteger as infâncias de violência sexual, a ludicidade aliada aos princípios freireanos de dizer sua palavra, o que sentem, de ter autonomia são potentes na educação sexual.

Diante disso, podemos sintetizar a educação sexual como uma necessidade ética de responsabilidade de todos a fim de assegurar o desenvolvimento integral da criança. Uma educação que compreenda a sexualidade como boniteza/ânimo/energia de viver e de dialogar, que parta e aprenda com a essência curiosa e perguntadora das infâncias.

Nesse sentido, a prática da educação em sexualidade não tem como ocorrer de forma isolada, ações com crianças, com educadores(as) e, principalmente com a comunidade são urgentes. A seguir detalhamos a experiência de educação sexual com a comunidade escolar da educação infantil da cidade de Belém do Pará.

3 Prática de educação em sexualidade e a comunidade escolar da educação infantil

A necessidade de participação de familiares no processo educativo é uma pauta recorrente e que todos sabem a necessidade dela, porém, falas a respeito da baixa participação ou devolutiva dos responsáveis também são recorrentes. Muitos dos participantes da pesquisa tiveram a intencionalidade e a organização de realizar uma atividade com esses sujeitos, porém, em muitos casos, eles não compareceram.

Assim, os professores utilizaram diversas estratégias para buscar maior participação da família, tais como o convite pessoal boca a boca na hora da entrada e da saída; organização de encontros próximos ao horário de entrada das crianças, assim os pais já ficavam para a reunião; e sorteio de sextas básicas. Todavia, em algumas escolas, o trabalho em parceria já está tão consolidado que simples informes são suficientes para que um número expressivo participe. A constância também foi um fator muito mencionado nesses relatos, pois tivemos escolas em que anteriormente dois pais participavam e o número cresceu com o continuar das reuniões e com o destaque para a importância das temáticas.

Dentre as experiências exitosas, ressaltamos o professor Willames e a diretora Eliana (relatório 12, 2024), que apontaram a importância de socializar com as famílias quais atividades serão e foram realizadas com as crianças, para que eles se somem ao

processo de proteção. Além disso, compartilharam a experiência de enviar leitura dirigida de Pipo e Fifi, de Carolina Arcari, aos familiares para lerem e conversarem com as suas crianças em casa, somando aos trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

Para essa atividade ser realizada, utilizaram o livro na versão para bebês e para crianças pequenas, o qual tem autorização para ser impresso e divulgado. Assim, todas as crianças puderam levar o livro para casa. Como resultado, tivemos crianças mais interessadas na temática, que passaram a conversar sobre sexualidade de maneira lúdica em casa da mesma maneira que o fazem na escola.

Já na escola da professora Roseli, o trabalho com a família aconteceu por meio de reuniões e palestras sobre os direitos de proteção que a criança possui. O objetivo desses encontros foi conscientizar e orientar a respeito da necessidade e de como proteger as crianças.

A coordenadora pedagógica MM desenvolveu também reuniões de conversas por turma com os responsáveis pelos bebês do berçário onde atua, para abordar “informações sobre combate e prevenção ao abuso sexual infantil e a todos os tipos de violência, além das maneiras de prevenir e de denunciar” (MM, relatório 15, 2024, p. 4) e teve participação expressiva dos familiares na escola, como podemos observar cada responsável segurando o seu bebê na figura 6 a seguir, estimulando que participem desde o começo da vida escolar das crianças e, principalmente, da proteção delas.

FIGURA 6: reunião com responsáveis pelos bebês do berçário II



Fonte: registro do acervo da pesquisa, 2024

Já a ação desenvolvida com as famílias na escola da professora Drica (relatório 18, 2024) teve participação de um outro órgão de proteção, o conselho tutelar, o qual atuou por meio de roda de conversa orientando sobre proteção, cuidados e direitos das crianças e dos adolescentes (figura 7). Essa participação foi importante para enxergarem

o conselho tutelar como parceiro na proteção das crianças, não como um órgão a ser temido. Nesse encontro, dúvidas sobre a atuação do conselho tutelar puderam ser tratadas.

FIGURA 7: roda de conversa de responsáveis com conselho tutelar



Fonte: registro do acervo da pesquisa, 2024.

O nosso aparato legal no Brasil não responsabiliza unicamente as famílias como responsáveis por garantir os direitos das crianças e dos adolescentes, mas toda a sociedade, logo, toda a comunidade deve ser protetora também. Uma ação foi recorrente em 80% da totalidade das escolas apresentadas pelos participantes da pesquisa: a caminhada de prevenção.

Essa caminhada faz parte do projeto da própria Secretaria Municipal de Educação, com o projeto “Direito de ser criança e adolescente na Belém da nossa gente”, mencionado anteriormente na segunda seção. Porém, cada distrito ou escola tem a sua forma de dar exequibilidade e foco a essa caminhada. Tivemos caminhadas que ocorreram exclusivamente com a comunidade escolar ao redor dos muros da escola e tivemos caminhadas com mais de 1500 pessoas a participar. Cada uma experiência dentro das suas possibilidades, porém, dotadas de intencionalidade.

A escola do professor Willame e da diretora Eliana (relatório 12, 2024, p. 2) realiza a caminhada de proteção da infância há 16 anos no distrito de Mosqueiro, a qual “tem em sua centralidade a sensibilização da sociedade local, socializar os trabalhos e práticas das escolas públicas e particulares, reivindicar políticas que fortaleçam a luta e o enfrentamento desta problemática Nacional”. Nessa caminhada, a escola tece parcerias com diversas outras escolas do Distrito e com representações do Sistema de Garantia e

Direitos da Criança e do Adolescente (SGDCA), tais como o conselho tutelar, a guarda municipal, a polícia, as instituições de saúde, entre outros.

Durante essa caminhada, a comunidade escolar expõe as atividades de proteção que têm desenvolvido com as crianças por meio de banners e cartazes e, ao mesmo tempo, apresenta, por meio de trio elétrico, músicas de prevenção e falas do SGDCA sobre a proteção dos direitos das crianças, sobre os canais e as formas de notificação de violências (figura 8):

FIGURA 8: caminhada 18 de maio do relatório 12



Fonte: registro do acervo da pesquisa, 2024.

A caminhada realizada na escola da professora Roseli (relatório 13, 2024) acontece com outra escola nas ruas no entorno da Unidade de Educação Infantil em direção a uma praça do bairro e visa sensibilizar a comunidade adulta e infantil que é impactada pelas falas sobre o direito das crianças, por brincadeiras de prevenção, pinturas, contação de histórias, relatos de mães e pela exposição dos trabalhos feitos em sala. Essa caminhada possui o objetivo de ter linguagem acessível para que todas as crianças que a ouvirem ou dela participarem entendam que possuem direitos e que devem dizer não ao abuso sexual.

Na experiência da educadora MM (relatório 15, 2024), a caminhada ocorreu juntamente com as demais escolas do distrito em direção a uma praça, com cartazes, faixas e falas de proteção à infância. Ao chegarem à praça, houve apresentações, falas do

SGDCA em defesa das crianças e de combate à violência sexual, tal como a exposição das produções das crianças sobre a temática. Juntamente com essas atividades, houve ação social, com emissão de documentos e consultas, a fim de que mais pessoas da comunidade se sentissem convidadas a estarem participando do evento e ouvindo e vendo sobre prevenção, conforme fotografia a seguir:

FIGURA 9: caminhada de prevenção e combate ao abuso e violência sexual contra crianças, relatório15



Fonte: registro do acervo da pesquisa, 2024.

No relato da diretora Lucelina (relatório 19, 2024), a caminhada ocorreu utilizando como recurso além dos cartazes e banners, panfletos e caixas de som, para ir deixando os informes por todos da comunidade que cruzavam com a caminhada. Nas palavras da diretora:

[A caminhada] levou para as ruas seriedade, alegria e leveza nas informações importantes referente a temática, com músicas, panfletos e cartazes com as lindas atividades realizadas pelas crianças. Oportunidade ímpar em que falamos e mostramos para a sociedade sobre a atual estatística dos abusos sofridos por crianças e adolescentes, como denunciar, canais existentes, órgãos de proteção e a responsabilidade de toda sociedade na garantia do direito de proteger nossas crianças contra qualquer forma de violência. (Lucelina, relatório 19, 2024, p.1).

Por fim, destacamos a caminhada desenvolvida na escola da professora Drica (relatório 18, 2024 p.3), caminhada a qual muito se aproxima da educação popular pela diversidade de sujeitos que a conduzem: “igrejas, UBS (Unidade Básica de Saúde), Conselho Tutelar, Associação de Moradores, Núcleo de Referência em Inclusão, famílias, entre outros”. Essa ação é desenvolvida em parceria com diversas escolas da comunidade e há partilha das atividades desenvolvidas por essas escolas, além de panfletos e banners informativos sobre prevenção à violência sexual.

Em 17 de abril de 1997, Paulo Freire, ao conceder sua última entrevista, que foi concedida à jornalista Luciana Burlamaqui, da TV PUC-SP, fala da felicidade, a qual partilhamos, em ver a sociedade mobilizada em marchas e caminhadas, experiências que demonstram o poder da coletividade em busca de sonhos possíveis, no caso das marchas mencionadas acima: a proteção das infâncias.

Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio em seu tempo histórico de marchas. [...] Eu acho que as marchas são andarilhagens históricas pelo mundo... O meu desejo, o meu sonho como eu disse antes é que outras marchas pela superação da sem-vergonhice que se democratizou terrivelmente nesse país. Essas marchas nos afirmam como gente, como sociedade, e querendo democratizar-se (Freire, 1997).

Assim, essas caminhadas detalhadas aqui não são vãs, constituem-se em estratégias e formas do entorno das escolas conhecerem sobre a rede de proteção, bem como são formas de as crianças em situação de abuso saberem que têm a quem recorrer. Os momentos das músicas de proteção ao corpo e à dignidade da criança precisam ser inúmeras vezes repetidos.

Considerações finais: finalidades que impulsionam inícios

Diante do apresentado destacamos que a educação em sexualidade não ensina crianças a praticarem ato sexual, pelo contrário, tem a finalidade de ensinar a ser mais gente, humano, respeitoso, ético, autônomo, crítico, criativo e, principalmente, protegido. Essa finalidade demonstra a urgência de diversos inícios de ações de prevenção à violência sexual contra crianças, as quais podem ser com as próprias crianças, com os professores e/ou com a comunidade escolar e com familiares, tal como discorremos nas páginas anteriores.

São práticas que podem ser desenvolvidas com recursos elaborados ou simples; com caminhadas com 1500 pessoas ou com um profissional conversando individualmente com um representante familiar. Independente da maneira como a educação sexual é desenvolvida e dos recursos nela empregados, fica evidente que o único fator indispensável é a intencionalidade em realizar uma educação sexual cuidadosa, em rede de proteção, baseada em conhecimento científico e como um alerta à sociedade.

Referências

- BASSALO, Lucélia. Não há educação completa sem a sexual: o controle do corpo, em Belém, nos anos 30. **Nemosine Revista**. Programa de Pós-graduação em História/UFCG, Vol. 6, nº 2, p. 119-134, Abr/Jun 2015.
- CABRAL, Fabíola Barroso. **A Boniteza em Paulo Freire e o Ensino de Filosofia com Crianças e Adolescentes em Escola Pública**. fl. 181. Dissertação de Mestrado-Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará: Belém, 2022.
- EISENSTEIN, Evelyn. Desenvolvimento da sexualidade da geração digital. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, s Adolescência & Saúde upl, p. 61-71, abril, 2013.
- FREIRE, Paulo. Apresentação. In. RIBEIRO, M. **Educação Sexual**: Novas Ideias, Novas Conquistas. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide. Sexualidade e afetividade. In. FIGUEIRÓ, Mary Neide. **Educação sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018.
- GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática [S.l: s.n.], 2010.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.
- OLIVEIRA, Ivanilde, (et al). Educação Popular Freireana e Práticas Educacionais Interculturais: sexualidade como tema gerador. **E-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n.4, p. 1-25, dez. 2018. Disponível em: [Educação Popular Freireana E Práticas Educacionais Interculturais: Sexualidade Como Tema Gerador | Revista E-Curriculum \(Pucsp.Br\)](#). Acesso em: 26 mai. 2023
- SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em crianças**: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos e pedofilia: São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.
- TELES, Maria Luiza. **Filosofia para Crianças e Adolescentes**. 11ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.